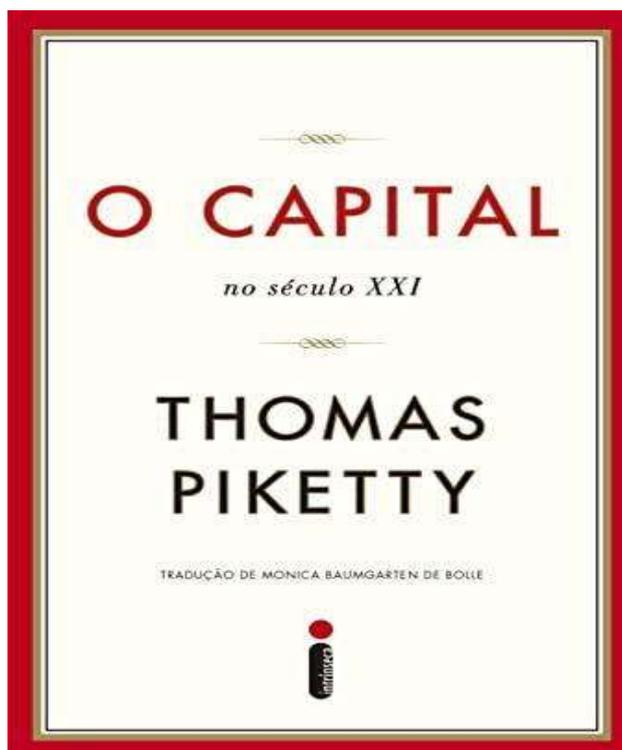


## RESENHA DO LIVRO “O CAPITAL NO SÉCULO XXI” DE THOMAS PIKETTY



**Livro:** O Capital no Século XXI

**Autor:** Thomas Piketty

**Editora:** Intrínseca - 2013

Francisco Wenderson Pereira de Souza<sup>1</sup>

"O Capital no Século XXI" é uma obra monumental escrita por Thomas Piketty, renomado economista francês. Lançado em 2013, o livro causou um impacto significativo no campo da economia e no debate público ao abordar de forma abrangente a desigualdade de riqueza e suas implicações no cenário global.

Ao longo de suas mais de 700 páginas, Piketty examina dados históricos e realiza uma análise minuciosa da concentração de riqueza ao longo dos séculos, apresentando um panorama abrangente das desigualdades econômicas e suas tendências. Ele argumenta que, historicamente, a taxa de retorno sobre o capital tende a ser maior do que o crescimento econômico, o que leva a um aumento contínuo da desigualdade.

Piketty (2013) também discute a importância dos sistemas tributários na mitigação das desigualdades e propõe a implementação de políticas públicas que visem a redução da concentração de riqueza, como impostos progressivos sobre o patrimônio e a renda. Além

<sup>1</sup> Administrador (ESAB). Internacionalista (UNIASSELVI). Mestrando em Políticas Públicas e Desenvolvimento da UNILA - Universidade Federal da Integração Latino-Americana. E-mail: wendersongrimes@gmail.com.

disso, ele enfatiza a necessidade de transparência e compartilhamento de informações sobre a riqueza, a fim de possibilitar uma análise mais precisa e uma tomada de decisão informada.

O livro se destaca pela sua abordagem interdisciplinar, combinando dados econômicos, análises históricas e reflexões teóricas. Piketty apresenta um argumento consistente e provocativo, desafiando as ideias predominantes sobre o funcionamento do capitalismo e as dinâmicas econômicas.

Thomas Piketty é um renomado economista e professor da Escola de Economia de Paris, além de ser diretor de estudos na École des Hautes Études en Sciences Sociales. Piketty se especializou no estudo das desigualdades econômicas e seus determinantes. Ao longo de sua carreira, Piketty tem se destacado por sua pesquisa inovadora e suas contribuições significativas para o campo da economia. Ele é reconhecido por seu trabalho pioneiro na coleta e análise de dados sobre desigualdade de riqueza, que serviram de base para suas teorias sobre o capitalismo e a concentração de riqueza.

O *Capital no Século XXI* se tornou uma de suas obras mais conhecidas e influentes, ampliando o debate sobre desigualdade econômica e oferecendo insights valiosos sobre as dinâmicas socioeconômicas da era moderna. Com sua expertise em economia e sua abordagem crítica, Thomas Piketty tem se tornado uma referência importante no campo das desigualdades econômicas e tem contribuído para moldar o pensamento contemporâneo sobre políticas públicas, justiça social e desenvolvimento econômico.

O livro é uma obra densa e provocativa que mergulha nas profundezas da desigualdade econômica e desafia as estruturas do capitalismo contemporâneo. Ao longo do livro, Piketty apresenta uma extensa análise de dados históricos e teorias econômicas para sustentar sua tese central: a concentração de riqueza está em ascensão e ameaça os fundamentos da sociedade moderna.

Um dos pontos fortes da obra é a meticulosa pesquisa realizada por Piketty. Ele reúne uma vasta quantidade de dados econômicos de diferentes países e períodos, o que confere ao livro um rigor acadêmico impressionante. Sua análise histórica minuciosa oferece uma perspectiva valiosa sobre as tendências de longo prazo da desigualdade e fornece um panorama detalhado das disparidades econômicas ao longo dos séculos.

Além disso, Piketty levanta questões críticas sobre a relação entre o capital e o trabalho, bem como o papel dos sistemas tributários na redistribuição da riqueza. Ele argumenta que o capital tende a crescer mais rápido do que a economia como um todo, o que leva a uma concentração de riqueza cada vez maior nas mãos de uma pequena elite. Essa análise desafia a noção amplamente aceita de que o crescimento econômico beneficia automaticamente toda a sociedade.

A obra está dividida em quatro partes significativas, cada uma abordando diferentes contribuições importantes para o estudo da desigualdade econômica. A primeira parte do livro oferece uma visão panorâmica do cenário econômico global, compilando dados e evidências sobre a concentração de renda e riqueza a partir da década de 1980, especialmente com as políticas de liberalização.

Um dos aspectos mais relevantes destacados por Piketty é o crescimento exponencial da participação do 1% mais rico e do 0,1% mais rico, com ênfase nos Estados Unidos. Essa análise estatística e factual evidencia a desigualdade crescente nos últimos anos e destaca a necessidade de investigar as causas e consequências desse fenômeno.

Além disso, Piketty aborda o debate sobre a relação entre mérito e riqueza, trazendo à tona dados que demonstram que a herança e a remuneração sobre o capital desempenham um papel mais significativo na acumulação de riqueza do que a mera aquisição de conhecimentos e habilidades. Essa constatação desafia a narrativa predominante de que a mobilidade social e econômica é baseada principalmente no mérito individual, destacando a influência estrutural e sistêmica na distribuição desigual de recursos.

O autor também enfatiza a importância da política na organização social e econômica, relacionando-a diretamente à questão da riqueza. Ele argumenta que a política desempenha um papel central na forma como os recursos são distribuídos e controlados na sociedade, e que é necessário um ajuste distributivo para que o capitalismo seja direcionado ao interesse geral e controlado por meio da democracia.

Na primeira parte do livro, Piketty apresenta conceitos teóricos e equações relacionadas ao crescimento econômico e demográfico desde o século XVIII. Ele introduz a relação fundamental entre o estoque de capital e a renda ( $\beta$ ), que mensura quantas vezes o estoque de capital é superior à apropriação da renda (que, contabilmente, é equivalente à produção). Essa relação é essencial para a compreensão das dinâmicas econômicas e fornece uma base teórica sólida para o restante da obra.

Na segunda parte do livro, especificamente no capítulo 5, Piketty introduz outro elemento relevante de sua construção teórica: a Segunda lei fundamental do capitalismo, expressa pela equação  $\beta = s/g$ . Essa equação, válida no longo prazo, relaciona a razão estoque de capital/renda ( $\beta$ ) com as taxas de poupança ( $s$ ) e de crescimento ( $g$ ). Ao analisar os países ricos, o autor demonstra um aumento da riqueza privada entre 1970 e 2010, resultante em grande parte de bolhas de ativos e transferências de capital público para mãos privadas, enquanto o crescimento da renda per capita ficou entre 1,6% e 2,0% no mesmo período.

Nessa parte do livro, Piketty também estabelece uma comparação com a função de produção Cobb-Douglas. Ao explorar dados da economia dos Estados Unidos entre 1899 e 1922, ele questiona a ideia de harmonia e justiça social que poderia ser inferida da estabilidade da relação capital-trabalho nesse período. O autor argumenta que a estabilidade no rendimento do capital na renda não implica estabilidade na relação estoque de capital/renda, nem garante uma harmonia social duradoura. Ele critica tanto os defensores da estabilidade da relação quanto os marxistas que consideram a participação do capital como sempre crescente, afirmando que o modelo Cobb-Douglas não é adequado para um estudo de longo prazo.

Piketty sugere que há uma tendência estabelecida de aumento na razão estoque de capital/renda ( $\beta$ ), como ocorreu nos países ricos entre 1970 e 2010. Conseqüentemente, a participação do capital tende a crescer nas décadas futuras, chegando aos níveis do início do século XIX, enquanto a parcela do rendimento do trabalho aumentou devido à sua maior importância no processo de produção.

Nos últimos séculos, tanto o conhecimento quanto as habilidades humanas aumentaram, mas o estoque de capital também. Portanto, não houve uma transição de uma sociedade baseada puramente no capital para uma baseada exclusivamente no talento e habilidade. Nesse sentido, o autor dialoga com a teoria do capital humano, que enfatiza a disseminação do conhecimento e da tecnologia como forças poderosas de convergência capazes de reduzir as desigualdades e permitir remunerações adequadas para as habilidades individuais. No entanto, os resultados do estudo de Piketty indicam que o progresso

econômico e tecnológico não necessariamente implica avanços democráticos e uma meritocracia racional.

A terceira parte do livro é a mais importante, pois traz uma quantidade significativa de dados sobre a distribuição de renda e riqueza, além de apresentar a principal argumentação teórica do autor. Nessa seção, também é abordada a discussão sobre o trabalho, o mérito pessoal e a herança como fontes de riqueza.

Piketty revela que, nos dias atuais, em países como França, Alemanha, Grã-Bretanha e Itália, os 10% mais ricos detêm cerca de 60% da riqueza nacional, enquanto os 50% mais pobres possuem menos de 10% da riqueza. Nos Estados Unidos, por exemplo, o décimo mais rico possui 72% da riqueza nacional, enquanto os 50% mais pobres possuem apenas 2%.

A renda proveniente do capital desempenha um papel crucial nos 0,1% mais ricos e, principalmente, nos 0,01% mais ricos. Isso significa que, entre os 10% mais ricos, os 9% abaixo são assalariados, sendo que esses assalariados são, na verdade, os executivos das grandes empresas e do setor financeiro. Nas últimas décadas, tem ocorrido um fenômeno de crescimento dos chamados "supersalários", que se caracteriza principalmente pela remuneração dos CEOs das grandes empresas.

O autor demonstra que a desigualdade tem aumentado desde 1983. Um exemplo disso é a França após 1990, que apresentou um forte crescimento nos salários mais altos, principalmente entre executivos e empresas financeiras. Entre o 0,1% e o 0,01% mais ricos, o poder de compra cresceu quase 50% entre 2000 e 2010, enquanto a maioria dos trabalhadores enfrentou baixo crescimento e estagnação do poder de compra.

O fenômeno dos "supersalários" não é adequadamente explicado pela teoria da tecnologia e da educação. Na França, mesmo com o aumento da média salarial, Piketty mostra que a diferença entre os salários mais altos e os mais baixos se manteve relativamente estável ao longo do tempo, independentemente da ampla democratização da educação nesse período. Em outras palavras, o aumento do nível educacional não resultou em uma redução da desigualdade salarial. Nos Estados Unidos, a distância salarial diminuiu até a década de 70 e passou a crescer a partir da década de 80.

Uma das figuras mais interessantes de todo o livro é a 9.2, que apresenta a participação do 1% mais rico na renda em quatro países (Austrália, Canadá, Grã-Bretanha e Estados Unidos). Fica evidente que a participação dos mais ricos na renda começou a diminuir nas décadas de 30 e 40 do século passado, atingindo seu ponto mais baixo na década de 80, mas aumentou desde então. Vale ressaltar que, durante o período entre guerras, o capitalismo foi mais regulado e houve a implementação de políticas tributárias progressivas. Na década de 80, houve uma reversão dessas políticas regulatórias, e o mundo entrou na fase neoliberal,

A Parte IV aborda as propostas de ajustamento distributivo para controlar o capitalismo em benefício do interesse geral, por meio da democracia. Nessa seção, Thomas Piketty explora diferentes estratégias e políticas que podem ser implementadas para lidar com a desigualdade econômica e promover uma distribuição mais equitativa da riqueza.

O autor argumenta que a democracia desempenha um papel fundamental na organização social e econômica, permitindo que a sociedade delibere e tome decisões coletivas sobre questões econômicas e distributivas. Ele propõe a adoção de políticas tributárias progressivas, com taxas mais altas para os mais ricos, a fim de reduzir a concentração de riqueza e garantir uma distribuição mais justa dos recursos.

Além disso, Piketty defende a importância de políticas públicas que visem promover a igualdade de oportunidades, como investimentos em educação e acesso a serviços básicos, de modo a permitir que todos os indivíduos tenham as mesmas chances de sucesso e mobilidade social.

Outra proposta apresentada pelo autor é a implementação de um imposto global sobre o capital, a fim de evitar a evasão fiscal e a acumulação excessiva de riqueza em mãos de poucos. Ele argumenta que um imposto sobre a riqueza pode ajudar a diminuir as desigualdades e contribuir para a estabilidade econômica e social.

Piketty ressalta que essas propostas não são soluções imediatas e fáceis, mas requerem um esforço coletivo e uma vontade política para serem implementadas. Ele enfatiza a importância do debate público e da participação democrática na definição de políticas que levem a uma sociedade mais igualitária e justa.

As principais potencialidades e importância do livro "O Capital no Século XXI" de Thomas Piketty residem em sua análise abrangente da desigualdade, que aborda tanto a concentração de renda como a concentração de riqueza, oferecendo uma visão panorâmica do fenômeno ao longo do tempo. O autor apresenta uma base teórica sólida, embasada em dados empíricos e fundamentada em equações econômicas, o que confere rigor e credibilidade à sua argumentação.

Além disso, o livro se destaca por sua relevância no debate público, provocando discussões e reflexões sobre as questões de desigualdade e distribuição de recursos. Piketty traz à tona a discussão sobre a relação entre mérito e riqueza, questionando a ideia de que o acúmulo de conhecimentos e habilidades é o principal determinante da riqueza, ao evidenciar o papel crucial da herança e do capital na acumulação de riqueza.

A contextualização histórica oferecida pelo autor é outra potencialidade do livro, permitindo compreender as tendências de desigualdade ao longo dos séculos, identificando padrões e mudanças estruturais. Essa abordagem histórica proporciona uma visão mais ampla dos desafios contemporâneos e ajuda a traçar perspectivas para o futuro.

Piketty também apresenta propostas e soluções alternativas para o ajuste distributivo, buscando formas de controlar o capitalismo em prol do interesse geral, por meio do fortalecimento da democracia e da implementação de políticas redistributivas. Suas propostas vão desde a criação de impostos progressivos sobre a riqueza até a promoção da transparência financeira e o combate à evasão fiscal.

Embora o livro "O Capital no Século XXI" de Thomas Piketty seja amplamente elogiado, ele também enfrenta algumas limitações e críticas importantes. Uma das principais críticas diz respeito à metodologia utilizada por Piketty na coleta e análise dos dados.

Alguns estudiosos questionam a consistência e a confiabilidade dos dados utilizados, bem como as suposições feitas pelo autor ao preencher lacunas e estimar informações ausentes. Além disso, há argumentos de que a amostra de dados pode não ser representativa o suficiente, uma vez que se concentra principalmente em países desenvolvidos, deixando de fora importantes economias emergentes.

Uma crítica importante ao livro é a relação entre política e economia na visão de Piketty. Embora ele reconheça que mudanças políticas corrigiram distorções distributivas no século XX, o autor parece subestimar o papel do poder econômico na política. As mudanças ocorridas não foram simplesmente por boa vontade, mas sim em um contexto de crise, guerra

e ameaça comunista, que estabeleceram uma pressão internacional. Entre as décadas de 1930 e 1970, os movimentos de esquerda cresceram globalmente, representando uma ameaça.

No final dos anos 1970, os países com ideias socialistas estavam perdendo poder. Diante de uma nova crise econômica na década de 1970, houve mudanças na política e na economia, surgindo o neoliberalismo, que contribuiu para o aumento das desigualdades. Portanto, a mudança política só ocorre quando o capital é obrigado a ceder, havendo uma dominação relativa da esfera econômica sobre a política.

Piketty compactua com o liberalismo econômico, mas é importante questionar a influência do capital na política. A mobilidade de capitais, presente no liberalismo, é uma maneira evidente de doutrinar os governos de acordo com os interesses do capital, ampliando seu poder de influência política. Caso um país não se enquadre nas políticas econômicas desejadas, pode enfrentar fuga de capitais, desvalorização cambial, elevação da inflação, escassez de crédito e até mesmo redução do investimento, levando a uma crise e ao desemprego.

Outra crítica está relacionada à visão simplificada da relação entre capital e trabalho apresentada pelo autor. Piketty tende a enfatizar o papel do capital na desigualdade, negligenciando outras variáveis importantes, como a inovação tecnológica e as mudanças estruturais no mercado de trabalho. Alguns estudiosos argumentam que a análise de Piketty subestima o papel do mérito e da mobilidade social na determinação da riqueza e da distribuição de renda.

Além disso, há críticas ao foco excessivo no aspecto econômico, deixando de lado outras dimensões da desigualdade, como as desigualdades sociais, culturais e de oportunidades. Essas críticas apontam para a necessidade de uma abordagem mais abrangente que leve em consideração uma gama mais ampla de fatores que contribuem para a desigualdade.

Outro ponto de crítica é a proposta de políticas redistributivas apresentadas por Piketty. Alguns argumentam que a implementação de impostos progressivos sobre a riqueza e outras medidas semelhantes podem ter efeitos negativos na economia, desencorajando a poupança, o investimento e o empreendedorismo, o que pode afetar negativamente o crescimento econômico e a criação de empregos.

Também há críticas relacionadas à falta de consideração de outros modelos econômicos e teorias alternativas que poderiam oferecer perspectivas diferentes sobre a desigualdade e suas causas. Algumas críticas argumentam que a abordagem de Piketty pode ser tendenciosa e não levar em conta as complexidades do sistema econômico global.

É importante ressaltar que essas limitações e críticas não invalidam completamente as contribuições e os insights apresentados por Piketty, mas destacam a necessidade de uma análise mais ampla e a consideração de diferentes perspectivas no debate sobre desigualdade e distribuição de recursos.

Em conclusão, "O Capital no Século XXI" de Thomas Piketty é uma obra de extrema relevância que trouxe à tona a discussão sobre desigualdade de riqueza e distribuição de renda em escala global. O livro apresenta uma extensa análise histórica e estatística, fornecendo uma base sólida para entender os padrões e tendências da desigualdade ao longo do tempo.

Uma das principais potencialidades da obra é a apresentação de dados detalhados e uma abordagem interdisciplinar, combinando economia, história e sociologia para compreender as dinâmicas complexas da desigualdade. A pesquisa minuciosa e a utilização de

fontes diversas permitem ao autor construir um panorama abrangente das desigualdades econômicas e suas implicações sociais.

O livro levanta importantes questões sobre os mecanismos que perpetuam a desigualdade, como a concentração de capital e a influência do poder econômico sobre a política. Além disso, destaca as consequências negativas da desigualdade para a sociedade como um todo, incluindo a perda de mobilidade social e o enfraquecimento da democracia.

No entanto, é importante considerar as limitações e críticas apresentadas ao livro. Piketty pode subestimar o papel do poder econômico na política e não levar em conta as complexidades das relações entre política e economia. Além disso, as soluções propostas pelo autor podem enfrentar desafios políticos e práticos significativos.

Apesar dessas críticas, "O Capital no Século XXI" desencadeou um debate amplo e necessário sobre desigualdade e distribuição de riqueza, colocando essas questões no centro das discussões acadêmicas, políticas e sociais. A importância do livro está em seu papel de conscientização e provocação, estimulando a reflexão sobre as estruturas socioeconômicas e a necessidade de políticas que promovam uma distribuição mais equitativa dos recursos.

### Referências

PIKETTY, Thomas. **O capital no século XXI**. Tradução Mônica Baumgarten de Bolle. 1ª ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014. 672 p

*Recebido em: 12/03/2024*

*Aprovado em: 29/05/2024*